

### Do Amor Fraternal ao Amor Falho: Outra Ética para o Laço Social

*From Fraternal Love to Fallible Love: An Alternative Ethics for the Social Bond*

*Del Amor Fraternal al Amor Fallido: Otra Ética para el Lazo Social*

*De l'Amour Fraternel à l'Amour Faillible : Une Autre Éthique pour le Lien Social*

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e13981

**Flávia Tridapalli Buechler**  

Psicóloga (FURB) e Psicanalista. Especialização em Psicopatologia da Infância e da Adolescência (UNISOCIESC). Especialização em Psicanálise: Sujeito e Laço Social (UNIFEPE). Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF (Universidade Federal Fluminense). Pesquisadora no LITORAIS - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Cultura (UFRGS) e no Laboratório de Psicanálise e Laço Social (UFF). Pesquisa e publica textos e artigos científicos relacionados aos temas: psicanálise e laço social.

**Gabriel Inticher Binkowski**  

Professor Doutor no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (IPUSP). Mestre em Clínica Transcultural e Doutor em Psicologia pela Université Sorbonne Paris Nord (tendo recebido o Contrato Doutoral para atuar como Pesquisador e Docente, 2011-2014). Especialista e ex-residente em Saúde Mental Coletiva (Faced-UFRGS). Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado no PPG de Psicologia Clínica da USP (2017-2022) com bolsa de pós-doutoramento no país FAPESP (2018-2021).

#### Resumo

Este trabalho se dedica a produzir uma crítica sobre a eficácia do amor no laço social de nossa época, especialmente o amor nas versões narcísica e fraterna, fortemente sustentado pelo discurso religioso que, no período entre 2019-2022, fundou-se com uma política de Estado. O problema que norteia a estrutura do texto se revela pela questão: como outras modalidades do amor podem contribuir para o engajamento subjetivo de cada sujeito na interminável tarefa de salvaguardar um laço social plural e não totalitário? A partir de vinhetas clínicas, cinematográficas e literárias, enriquecemos a discussão teórica acerca do tema.

**Palavras-chave:** amor, laço social, psicanálise, religião.

#### Abstract

*This article offers a critique of love's effectiveness within today's social bond, with particular attention to its narcissistic and fraternal forms — both strongly underwritten by religious discourse that, between 2019 and 2022, merged with state policy. The guiding problem is framed as follows: how can other modalities of love foster each subject's subjective engagement in the ongoing task of safeguarding a plural, non-totalitarian social bond? Drawing on clinical, cinematic, and literary vignettes, we deepen the theoretical discussion surrounding this question.*

**Keywords:** love, social bond, psychoanalysis, religion.

#### Resumen

*Este trabajo se dedica a producir una crítica sobre la eficacia del amor en el lazo social de nuestra época, especialmente el amor en sus versiones narcisista y fraterna, fuertemente sustentado por el discurso religioso que, en el período entre 2019 y 2022, se fusionó con una*

*política de Estado. El problema que orienta la estructura del texto se revela en la siguiente cuestión: ¿cómo pueden otras modalidades del amor contribuir al compromiso subjetivo de cada sujeto en la tarea interminable de salvaguardar un lazo social plural y no totalitario? A partir de viñetas clínicas, cinematográficas y literarias, enriquecemos la discusión teórica sobre el tema.*

**Palabras clave:** amor, lazo social, psicoanálisis, religión.

### **Résumé**

*Ce travail se consacre à une critique de l'efficacité de l'amour dans le lien social de notre époque, en particulier l'amour dans ses versions narcissique et fraternelle, fortement soutenu par le discours religieux qui, entre 2019 et 2022, s'est fusionné avec une politique d'État. Le problème qui guide la structure du texte se manifeste par la question suivante : comment d'autres modalités de l'amour peuvent-elles contribuer à l'engagement subjectif de chaque sujet dans la tâche interminable de sauvegarder un lien social pluraliste et non totalitaire ? À partir de vignettes cliniques, cinématographiques et littéraires, nous enrichissons la discussion théorique sur le sujet.*

**Mots-clés :** amour, lien social, psychanalyse, religion.

---

Por que elaborar uma crítica sobre a eficiência do amor para o laço social em uma época tão marcada por discursos de ódio, violência desmedida e desejo de morte do outro? Não seria exatamente a falta do amor o que engendra na nossa sociedade o pior do ser humano? Há diferentes caminhos para abordar o tema do amor no laço social e a via que pretendemos trilhar neste trabalho parte: 1) de uma análise teórica sobre o período presidencial de 2019-2022; e 2) de uma reflexão crítica sobre a crença religiosa de que o amor fraterno se consolida como um recurso social eficiente, sem considerar os impasses desse modo de vinculação para uma relação ética entre sujeitos (Bachler, 2020).

Com frequência, escutamos de alguém que o mundo atual está em crise. Não raro encontramos os especialistas de plantão, aqueles que têm a cura do mundo na ponta da língua, com suas respostas marcadas por reducionismos tão violentos quanto os da crise que dizem querer aplacar. Toda crise nos obriga a recolocar os impasses que marcam uma época através de novas questões, a fim de que esse exercício torne possível rever determinados pressupostos, afinal, “uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, preconceitos” (Arendt, 1954/2014, p. 223). Desse modo, insistir em respostas simplistas, em terceirizar responsabilidades e, neuroticamente, procurar saídas em caminhos já trilhados faz com que provoquemos o aguçamento da crise ao invés de aproveitarmos a oportunidade de reflexão e criação que essa situação nos permite.

Para tanto, é preciso reconhecer que hoje a sociedade que defende o valor da liberdade e dos princípios democráticos é a mesma que clama por um desejo de dominação, de servidão voluntária (La Boétie, 1576/2016). Isso fica evidente quando observamos, na sociedade ocidental atual, o retorno de discursos fundamentalistas e de movimentos de polarização como uma tentativa de (re)instaurar uma ordem mítica no campo social.

No Brasil, por exemplo, desde a penúltima eleição presidencial, testemunhamos o inflacionamento do discurso religioso no campo da política (Binkowski, 2021), fato que resultou, dentre outras consequências, no fortalecimento de políticas da inimizade (Mbembe, 2021), isto é, de políticas que organizam uma sociedade desde uma divisão nós/eles, bem como fomentam a perversa fantasia de hierarquização do humano. Seja através da mensagem que o ex-presidente da república transmitiu após cada pronunciamento oficial: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, seja através da “defesa da família” como um valor daquele governo que se dedicou a instaurar um modelo ideal a ser seguido por “todo cidadão brasileiro de bem”, observamos nos últimos anos o que a falta do plural na defesa d’A Família denuncia: uma violência reducionista e segregadora que configura aquela política de governo, na qual se acredita no retorno de velhos moralismos e preconceitos para o tratamento dos impasses sociais da nossa época. Nesse sentido, concordamos com a afirmação de que a fraqueza do Estado e, no caso do Brasil, a cumplicidade do Estado com os movimentos religiosos “deixa muitas aberturas para que esse tipo de discurso seja evocado por grupos que chegam ao poder” (Binkowski et al., 2020, p. 262).

O documentário *Intervenção – Amor não Quer Dizer Grande Coisa*, dirigido por Tales Ab’Sáber, Rubens Rewald e Gustavo Aranda (2017), demonstra o quão problemático pode ser articular o discurso religioso e o exercício político no governo de um Estado. A produção é composta por vários vídeos nos quais é possível ver e ouvir o negacionismo, a paranoia e o culto fervoroso dos indivíduos da extrema-direita brasileira que se manifestaram contra o governo atuante, no período entre 2015 e 2016. Os discursos de ódio que testemunhamos nesse documentário evidenciam, através de ofensas e ameaças, a precariedade da espécie humana ante o desafio de sustentar um mundo sem que desejemos ofender ou matar uns aos outros.

Dentre esses discursos, alguns produzem ressonâncias até os dias de hoje, como, por exemplo, aquele que venera a intervenção militar, aquele que resiste à legalização do aborto, e, ainda, aquele que crê que nenhum ato a serviço do

Senhor pode ser chamado de pecado, como observado durante o aconselhamento pastoral retratado no filme *Divino Amor* do cineasta Gabriel Mascaro (2019): “Esta frase justifica em si todo tipo de absurdo. Vale mentir pela causa do Senhor; vale xingar (...) e por último, vale matar pela causa do Senhor. A escatologia teológica que o filme sugere é a parte mais triste pra mim” (Gonçalves, 2019, p. 9).

Sabemos, desde a psicanálise, que a vida psíquica e social da espécie humana tem como princípio um conflito irresolúvel entre os interesses do Eu e os interesses do grupo social (Freud, 1912-1913/2012). Nesse jogo de forças que compõem a constituição de um sujeito, operam mecanismos de dominação e sujeição, sentimentos de amor e ódio, de modo que, ao mesmo tempo em que almejamos a vontade de potência (Checchia, 2020), facilmente nos conformamos em um lugar de sujeição. A manifestação desses fenômenos também pode ser encontrada na relação que muitos sujeitos estabelecem com líderes e ideias religiosas (Freud, 1921/2011; 1927/2014), o que reforça a tese recuperada de Hirt (2007): “tanto a psicanálise como a religião se ocupam do mesmo espaço da vida psíquica, que é aquele deixado aberto pelo objeto que está ausente” (Binkowski, 2021, p. 41).

Em vista dessas considerações, nas páginas seguintes atentaremos para: 1) os aportes teórico-clínicos de que a psicanálise dispõe para analisar esse jogo de forças que marca a vida psíquica e social da espécie humana; 2) a coisa religiosa e a função que ela desempenha no psiquismo; e 3) o problema da crença religiosa no amor fraternal, como um recurso social eficiente para uma relação ética entre sujeitos, a fim de que nos seja possível ensejar saídas para o problema em questão neste trabalho. Afinal: como outras modalidades do amor podem contribuir para o engajamento subjetivo de cada sujeito na interminável tarefa de salvaguardar um laço social plural e não totalitário?

### Constituição do Sujeito e o Social em Freud

A psicanálise dispõe de uma teoria sobre a constituição do sujeito, isto é, a constituição da vida psíquica no humano, e esse recurso a diferencia de outras áreas do conhecimento, principalmente por não compreender o nosso funcionamento a partir de uma racionalidade centrada na consciência. Poucos anos após a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900, Freud (1911/2010a) publicou o que ele formulou como os dois princípios que regem o funcionamento da vida psíquica: o princípio da realidade e o princípio do prazer. Tal vida, de acordo com Freud, tem como base um conflito que lhe é estrutural e irresolúvel. Estrutural, porque dado que a realidade das exigências de um conjunto social por vezes não permite a satisfação dos impulsos do Eu na sua busca por prazer (Freud, 1912-1913/2012). E irresolúvel, pois para alcançar a constante homeostase na vida psíquica equivaleria à morte dela (Freud, 1930/2010c), ou seja, a morte psíquica. Portanto, estar vivo tem a ver com uma espécie de gestão das tensões e do desamparo que esse conflito produz em cada sujeito.

Quando Freud reconhece a existência do inconsciente e a incidência desse conflito estrutural sobre o sujeito e os fenômenos sociais, ele acaba por incorrer no que hoje podemos afirmar de que o indivíduo, por uma ótica da psicanálise, não existe, o que significa dizer que nosso psiquismo não pode ser caracterizado como indivisível. Não somos uma totalidade, pois a estrutura é, radicalmente: 1) uma cisão entre inconsciente e consciente; e 2) um conflito caracterizado pelo jogo de forças entre as demandas da vida social e as exigências pulsionais do Eu. Essa desconstrução da noção de indivíduo também pode ser observada na obra freudiana, quando ele afirma a impossibilidade de atingirmos uma condição de completude (Freud, 1930/2010c); em outras palavras, que somos marcados pela presença de uma eterna ausência, uma falta que rompe com um imaginário de indivíduo inteiro e autônomo. Trata-se de um fato psíquico que, apesar do mal-estar que provoca, é o que nos permite um movimento em direção à vida, com seus estados de tensão e alívio, polissemia, continuidades e descontinuidades.

Na condição de sujeitos cindidos e submetidos a todas as consequências que essa cisão resulta na vida de cada sujeito, Freud não pôde deixar de tecer considerações acerca do impacto das suas descobertas na origem e configuração de uma organização social. Em *Totem e Tabu*, Freud (1912-1913/2012) narra sobre um parricídio, o assassinato do Pai da horda primeva, morte que marcou uma possibilidade de organização social não referida ao poder e aos caprichos de um tirano. Vinculados por este crime, aos irmãos – todos os homens que não ocupavam o lugar de exceção do Pai –, foi possível uma vida em conjunto, sem que os desejos do Um prevalecessem sobre a vontade dos demais. A construção do totem, que tinha como finalidade manter vivo o registro da história do grupo, consagrava a eterna lembrança da união dos irmãos para a realização do crime, ato que instaurou interditos para os próprios impulsos. Assim, por mais que alguém desejasse ascender ao lugar de poder antes ocupado pelo Pai, para que uma vida livre da tirania fosse possível a todos, era necessário o engajamento de cada um na tarefa de manter esse lugar de exceção vazio.

Para além do parricídio, Freud também dá notícias de que há numerosas coincidências entre o que ele chama de psicologia dos povos da natureza e psicologia dos neuróticos, posto que ele considera o mito da horda primeva como uma narrativa que “aborda a origem da religião e da moralidade” no fundamento de uma sociedade (Freud, 1912-1913/2012, p. 17). Algumas das semelhanças que podemos observar entre povos nomeados primitivos e povos nomeados civilizados são, por exemplo, as limitações impostas aos impulsos sexuais, a severa punição para aqueles que violam um tabu e a adoração de entidades superiores, princípios que organizaram o sistema do totemismo e que também organizam o sistema religioso.

Essas considerações freudianas permitem afirmar que a passagem da horda primeva à ordem social não indica a superioridade da segunda sobre a primeira, leitura que por vezes pode ser feita desde uma perspectiva desenvolvimentista da situação, na qual a estrutura que vem depois se apresenta como mais evoluída que aquela que a antecedeu. Isso nos interessa porque o que está em jogo entre as culturas não tem a ver com qual seria mais superior que a outra, e sim de que, independente dos avanços tecnológicos e progressos científicos, toda cultura organiza o laço social a partir da eleição de tabus, sendo que o que varia entre as culturas, para além dos hábitos e costumes que a caracterizam, é aquilo que se considera como interdito:

Wundt afirma, portanto, que o tabu é a expressão e derivação da crença dos povos primitivos em poderes demoníacos. Mais tarde libertou-se dessa raiz e continuou sendo um poder simplesmente porque o era, devido a uma espécie de obstinação psíquica; assim tornou-se a raiz de nossos mandamentos morais e nossas leis (Freud, 1912-1913/2012, p. 51).

Nos é possível compreender essa obstinação psíquica à qual Freud se refere como uma necessidade de apego do sujeito cindido a algo que lhe forneça limites para lidar com esse jogo de forças que marca a vida psíquica e social da espécie humana e, ainda, sentidos para suportar o desamparo próprio da nossa condição de sujeitos incompletos. Nesse sentido, o mal-estar, que estrutura a vida psíquica e a vida social, configura-se como um invariante histórico, sendo que o que varia historicamente são as formas que inventamos para controlar nossas pulsões e administrar nosso desamparo. Em outras palavras, somos psiquicamente vulneráveis a incorrer na busca por um soberano capaz de nos punir e nos amar.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/2011), valendo-se das considerações sobre a alma coletiva descritas por Le Bon, retoma o que o polímata francês escreve acerca do que é uma massa psicológica e de quais são seus efeitos no psiquismo do indivíduo. Para Le Bon, a massa psicológica se constitui a partir da união de diferentes partes; essa união produz a formação de uma totalidade composta pela soma das partes, o que resulta no surgimento de um novo ser, sendo este dotado de características diferentes daquelas apresentadas isoladamente por cada parte que se integrou ao todo. O efeito imediato dessa união na vida psíquica é a constatação do desaparecimento das particularidades de um sujeito quando se integra ao todo, apagamento que intensifica a afetividade e diminui consideravelmente a capacidade intelectual dele. Assim, no fenômeno da massa psíquica, “o heterogêneo submerge no homogêneo” (Freud, 1921/2011, p. 20), isto é, o sujeito fica submetido a um funcionamento que resulta em grande parte no apagamento das diferenças.

Ocorre que essa submissão não é sem um ganho de prazer, na medida em que a massa psicológica “não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. Tem o sentimento da onipotência; [e] a noção do impossível desaparece” (Freud, 1921/2011, p. 25). Ou ainda, uma perda de desprazer para o sujeito, dado que o líder, reconhecido por sustentar um semblante de não estar submetido ao desamparo fundamental, condição que faz com que ocupe o lugar de exceção, funciona como fiador dos sentidos que aplacam a angústia do conflito que nos constitui. Nessa modalidade de comunhão social, qualquer semelhança com a organização da horda primeva não é mera coincidência, posto que o líder se torna “um substituto paterno” (Freud, 1921/2011, p. 47). O anseio pela providência de um grande Pai corresponde ao tamanho da necessidade de proteção ante a impotência humana e a defesa contra o desamparo (Freud, 1927/2014).

Ainda nesse ensaio, Freud refere que a Igreja, com a comunidade dos crentes, e o Exército, com as forças armadas, se configuram como duas “massas bastante organizadas, duradouras e artificiais” (Freud, 1921/2011, p. 46) na história do mundo humano. A título de exemplo, podemos observar as estatísticas e estimativas acerca do número de adultos que se identificam com alguma religião. De acordo com o Censo de 2010, 86,8% do Brasil se identifica como cristão e há um progressivo aumento do número de evangélicos, de modo que nos últimos 30 anos, considerando os últimos três Censos – 1991, 2000 e 2010 –, o número de evangélicos cresceu 61% no Brasil (Gaier, 2024; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). O Censo de 2022 ainda não contabilizou os dados dessa categoria de análise, contudo, não faltam reportagens apontando para o aumento do número de evangélicos na população brasileira (Capomaccio, 2023; CartaCapital, 2024).

Igrejas, agrupamentos religiosos e o Exército são massas artificiais porque “uma certa coação externa é empregada para evitar sua dissolução e impedir mudanças na sua estrutura” (Freud, 1921/2011, p. 46). Compreende-se por coação externa uma construção ficcional, de caráter ilusório, à qual as massas não podem renunciar, pois o preço a ser pago seria a própria dissolução. Seguindo essa lógica, Freud observa tamanha semelhança que existe entre o funcionamento da massa psicológica e a psicologia das neuroses ao considerar o predomínio da vida da fantasia em ambos os casos:

Descobrimos que o que vale para os neuróticos não é a realidade objetiva comum, mas a realidade psíquica. Um sintoma histórico se baseia na fantasia, em vez de na repetição da vivência real, a consciência de culpa da neurose obsessiva, no fato de uma má intenção que jamais se realizou. Como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa a prova da realidade recua, ante a força dos desejos investidos de afeto (Freud, 1921/2011, p. 29).

Mas qual é o afeto ao qual Freud se refere para justificar a renúncia da realidade por parte de uma comunidade de sujeitos em prol da homogeneização do humano e de uma ilusão que sustenta a existência de uma figura onipotente? Trata-se exatamente do amor. No percurso clínico percorrido por Freud para a elaboração da teoria e técnica psicanalítica,

uma das representações do amor é o que ele nomeou como libido. Para a psicanálise, o conceito de libido representa a existência de uma grande quantidade de energia que mobiliza os vetores da pulsão na direção de “tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’” (Freud, 1921/2011, p. 43). Freud afirma que essa energia é “proveniente da teoria da afetividade” (Freud, 1921/2011, p. 43) e que, por um lado, ela permite ao sujeito amar a si mesmo; por outro, permite que ele ame o outro – consideração que fez com que Freud formulasse a hipótese de que as relações de amor “constituem também a essência da alma coletiva” (Freud, 1921/2011, p. 45). Com essa afirmação, Freud considera que, para além do afeto amoroso ser a força que impele a união de uma comunidade que se caracteriza como massa psicológica, a homogeneização do sujeito se justifica “por amor a eles” (Freud, 1921/2011, p. 45), ou ainda, pelo amor deles, desses outros e desse Outro que compõem a (com)unidade.

A partir dessas considerações, alguns questionamentos se fazem importantes com relação ao desafio que toda sociedade tem ante a tarefa de sustentar um mundo sem que matem uns aos outros. Se regozijar-se do reconhecimento e do amor do outro passa pelo apagamento da própria diferença, ou seja, pela necessidade de estar sempre de acordo com a massa e de modo algum colocar-se em oposição ao que mantém a massa coesa, como não incorrer na segregação dos que resistem ao apagamento da singularidade e na intolerância ao outro que não corresponde à minha imagem e semelhança? E, ainda, na medida em que a existência da alteridade não fica subordinada à autoridade do soberano, e a existência do outro denuncia e fragiliza a ilusão que fomenta o afeto amoroso da fraternidade, quais recursos são necessários para que relações éticas entre sujeitos possam existir sem que haja a necessidade de circunscrevê-las em nome desse amor?

### **Uma Nova Época com Velhas Respostas para as mesmas Questões**

Por muito tempo na história a Igreja foi reconhecida como uma das principais instituições do processo civilizador, ao funcionar como um instrumento regulador das subjetividades e do campo social. Ela instaurou seu lugar no mundo desde um discurso específico, encarregou-se da missão de amparar os humanos ante a morte, de direcioná-los para a elevação espiritual e para o amor de Deus, bem como de protegê-los das forças internas e externas que os conduzem aos hábitos e prazeres mundanos.

O discurso religioso, compreendido como uma racionalidade moral, fábrica de sentidos para o humano (Freud, 1927/2014), caracteriza-se por estabelecer o que é o bem e o que é o mal. Trata-se de um discurso que constrói uma visão universal de mundo e de ser, modelo historicamente fomentado pelo ideal do homem branco europeu, como foi o caso da Igreja Católica Apostólica Romana. Enquanto um local de comunhão de pessoas que defendem e pregam os mesmos ideais, as igrejas fomentam a união de comunidades no mundo inteiro, todas elas reguladas por meio dos princípios que os líderes dessa instituição estabelecem como bússola do caminho para a correta formação do mundo e do ser humano.

No entanto, ao reconhecermos o fato de que a história do mundo humano é bem mais antiga que o surgimento da Igreja Católica, retomando o exemplo do parágrafo anterior, não podemos negar que foram e ainda são excluídos dessas comunidades religiosas, unidas pelo amor em Cristo, todos aqueles que não correspondem ao ideal ao qual os irmãos encontram-se identificados.

O problema maior não se encontra essencialmente na não integração do outro ao grupo ou à instituição religiosa, mas na histórica fixação desses outros no lugar de bárbaros e desviantes por resistirem a nortear suas vidas desde um modelo preestabelecido por um Outro, fixações que induzem determinadas formas de olhar e agir sobre o outro diferente. Por isso, a laicização do Estado é tão importante para a organização civil do mesmo, posto que um Estado laico é formado por uma sociedade capaz de se liberar “de toda a influência de um sistema religioso sobre sua organização civil, política e jurídica” (Binkowski et al., 2018, p. 112).

Exemplos de extermínios resultantes da fusão entre experiência de governo e sistema religioso foram os casos das perseguições e assassinatos em nome da Inquisição, e da catequização dos escravizados em nome da conquista e do progresso civilizatório na América. Nessas ocasiões, se o destino do bárbaro não fosse a morte, restava-lhe, como forma de manter-se vivo, assujeitar-se a um processo de homogeneização e docilidade, a fim de que pudesse ser facilmente governado sem que perturbasse a ordem preestabelecida pelo tribunal eclesiástico ou pelos escravocratas.

Nesse sentido, a civilização pode ser caracterizada como um enorme esforço, por parte das massas que defendiam o progresso através do processo de colonização do outro, de rechaçar a pluralidade das diferentes culturas que configuravam o mundo humano, e assim fizeram ao não abdicarem da tentativa de instaurar um Pai, de inflacionar um sentido único para a existência do sujeito no mundo e de capitalizar uma sociedade a partir da divisão nós/eles. São graves as consequências para a vida daqueles que não sucumbem à identidade massificada que aspira invisibilizar todas as outras formas de ser e se relacionar no mundo. Essas consequências provocadas pela massa psicológica se exprimem através da frase freudiana ao sinalizar que “na cegueira do amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso” (Freud, 1921/2011, p. 72).

Sabemos, desde as formulações de Lacan (1985), que um discurso é aquilo que determina uma certa forma de laço social, isto é, que os modos como as vontades, interditos e os critérios para qualificar ou desqualificar modos de ser e existir se organizam no interior de uma sociedade com base em uma arquitetura simbólica que toma valor de verdade:

O discurso é uma estrutura que se encontra fundada na própria lógica de funcionamento da linguagem e de seus efeitos sobre a realidade. Está, ademais, organizado de tal modo que tem, como consequência, o estabelecimento de formas históricas de vínculo social. Dessa maneira, o discurso não é concebido como uma “Realidade primeira a ser interpretada em seu sentido”, mas é o efeito da combinatória significativa sobre o mundo (Rabinovich, 2001, p. 2).

Isso significa que nele há uma prevalência e uma anterioridade dos lugares e das suas regras de articulação sobre os destinos dos modos de enlaçamento entre os seres falantes (Couto et al., 2018, p. 95).

Nesse sentido, compreende-se o laço social enquanto uma forma de fazer vínculo com o outro a partir de um discurso comum ao qual nos sentimos pertencentes, mas também ao qual nos alienamos, pois nossa forma de olhar e de ir em direção ao outro fica mediada por essa operação languageira que predetermina lugares e regras. É nessa condição que, ante o olhar dos líderes referenciados ao discurso religioso e seus discípulos, a diferença por vezes representa uma grande ameaça e ofensa ao sujeito religioso, na medida em que há, nessa gramática referida aos mandamentos instituintes da Igreja, uma inscrição histórica de que a diferença é entendida como uma falha perigosa, um erro a ser consertado.

O ódio e a intolerância direcionados àqueles que sustentam singularidades e demarcam diferenças são a revelação em ato do medo do desvelamento dessa fantasia: a que encobre a incompletude do sujeito cindido – fantasia que, há séculos, mobiliza as massas religiosas. Não se trata aqui de depreciar o valor psíquico da fantasia, que sabemos, desde a noção psicanalítica desse termo, que se trata de um operador fundamental na vida psíquica. No entanto, criticamos aqui o retorno, em uma nova época, das velhas respostas de cunho fundamentalista para uma mesma questão: como saber-fazer com o desamparo e a diferença, elementos que radicalmente inscrevem a humanidade no ser?

De acordo com Binkowski (2021), a “coisa religiosa” aparece como o objeto prometido para obturar o desamparo fundamental no sujeito cindido, livrando-o das angústias do conflito interno e da falta de sentido. A partir do autor, podemos considerar que há no sujeito religioso, compreendido aqui como o indivíduo que não consegue se dividir da massa, uma espécie de demissão no exercício psíquico de se haver com a sua condição incompleta, na medida em que insiste antes em uma verdade forjada por um Outro ao invés do encontro com a sua verdade-faltante. Ausência que, quando é reconhecida, permite ao Eu “se produzir enquanto um sujeito a partir da diferença” (Binkowski, 2021, p. 41).

Em termos de constituição psíquica, no texto *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914/2010b) nos advertiu do necessário trabalho psíquico de separação do desejo do Outro materno para que o Eu, enquanto instância capaz de realizar uma projeção psíquica do próprio corpo, possa advir. Diferenciar-se, portanto, desse primeiro Outro se torna um trabalho psíquico necessário, ao passo que, quando o sujeito abdica dessa tarefa, impasses constitucionais aparecem. Contudo, para além do que podemos observar acerca desse trabalho psíquico, Freud (1914/2010b) também tece considerações que nos permite nomear uma modalidade de amor que podemos chamar de amor narcísico. Trata-se de um amor direcionado ao igual, àquele que corresponde à minha imagem e semelhança, tal qual a simbiótica relação inicial da mãe com seu bebê, e que consideramos como a versão do amor mais comum no laço social da nossa época (Jorge, 2019).

Através do amor narcísico, assim como da coisa religiosa, buscamos encontrar uma completude que promete nos livrar da nossa condição de sujeitos cindidos, bem como do encontro não todo com o outro. Caracterizado como um amor que só considera o registro do imaginário, no qual o sentido único e fechado se torna possível, a dinâmica do amor narcísico acontece na seguinte lógica:

Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (...) Ela merecerá meu amor, se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu me possa amar nela; merecê-lo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu ideal de eu. (Freud, 1930/2010c, p. 59)

Breves vinhetas clínicas colhidas por meio da escuta no consultório exemplificam a acidez que é lidar com essa forma de amor. Um jovem homem, testemunha de Jeová, que já fora banido da sua congregação por apresentar um determinado vício que é repudiado pelos princípios do grupo se percebe, após conseguir retornar à fraternidade, passar por repetidos momentos de exclusão, decorrente da preocupação dos membros-irmãos com relação às más influências que ele poderia causar, por apresentar comportamentos reconhecidos como mundanos. Ao ser interpelado em análise sobre o fato de que o pedido para que ele se distancie chega sempre de pessoas que são testemunhas de Jeová, o jovem silencia e surpreso refere que com as pessoas de fora da congregação nunca houve problemas com o seu jeito de ser, nem com o fato de já ter se divorciado. Outra situação comum que chega ao consultório é a condição de mulheres testemunhas de Jeová que não se separam do cônjuge por receio de serem extirpadas do grupo, e, ainda, que se culpam por não estarem exercendo com seu marido, bêbado, os “deveres de uma mulher para com o homem”. Não raro, essa fala vem acompanhada de um desejo de que o marido realizasse o adultério para que lhes fosse possível sair dessa condição, sem manchar a própria imagem ante o grupo.

Ressaltamos novamente que o encontro com a coisa religiosa, com o sentido único, nem sempre é totalmente negativo, pois se trata de um recurso apaziguador da angústia ao fazer o real adquirir sentido para aquele que ama (Jorge, 2019). No

entanto, a ilusão produzida pelos discursos que se estruturam desde o amor narcísico, além de cobrar um preço particular, também não ocorre sem um preço cultural a pagar:

Esse patrimônio de concepções religiosas nos é geralmente apresentado como revelação divina. Mas isso mesmo já é parte do sistema religioso, que ignora completamente o que se sabe do desenvolvimento histórico dessas ideias e de suas diferenças em épocas e culturas diversas (Freud, 1927/2014).

No mundo ocidental, a gestão do discurso religioso diante do desamparo fundamental e o mal-estar da diferença ocorre por meio do monoteísmo:

O monoteísmo, pensado pela psicanálise desde Freud e com Lacan, dentre outros psicanalistas, apresenta uma história de violências, de apagamentos e de subversões. Afinal, o que o monoteísmo instaura (...) é um grande sistema de filiação, de aliança e de reconhecimento no qual os deuses antigos passam a ser demônios, e onde a deidade se mantém, quase, sempre, fora do registro da imagem, da língua, do sensorial (Binkowski, 2021, p. 41).

A psicanálise sustenta que essa ilusão não pode ser considerada um erro, posto que em sua motivação prevalece a realização de desejo, mas também não podemos deixar de considerar a aproximação que a crença religiosa tem com o delírio psiquiátrico (Freud, 1927/2014), principalmente pela função de reparação que tende a assumir com a realidade da condição humana e do mundo. O fortalecimento do monoteísmo, isto é, da validação e valorização de uma única divindade, resulta em vários radicalismos, a ponto de tornar a religião “um elemento bélico, de anulação de toda negociação da diferença” (Binkowski, 2021, p. 42). Essa tentativa grosseira de reparar o mundo desde o apagamento ou segregação da diferença, quando incorporada por uma política de Estado, recai sobre a sociedade através dos imperativos mais mortíferos, estabelecendo, por exemplo, quais vidas devem ser amparadas pelo Estado e quais não, quais são as vidas que podem/devem ser mortas e quais não (Levine, 2019; Mbembe, 2018).

Nesse sentido, mesmo reconhecendo o valor das concepções religiosas para a vida psíquica, Freud (1927/2014) adverte que o ser humano é capaz de prescindir do consolo da ilusão religiosa, criticando a ideia de que o ser humano não suportaria o peso da vida e da hostilidade da realidade sem depender da fé em Deus:

Já é alguma coisa quando alguém sabe que pode contar apenas com as próprias forças; então aprende a usá-las corretamente. E o ser humano não é inteiramente sem recursos, desde os tempos do Dilúvio sua ciência lhe ensinou muita coisa, e incrementará mais ainda o seu poder. Quanto às inevitabilidades do destino, contra as quais não existe remédio, ele aprenderá a suportá-las com resignação. De que lhe serve a miragem de uma grande fazenda na Lua, cuja colheita ninguém jamais viu? (Freud, 1927/2014).

Outro breve recorte do que as narrativas que aparecem no consultório nos revelam acerca da nossa época cabe nesse momento. Certa vez tive a oportunidade de escutar os conflitos e as preocupações de um menino de nove anos que sofria com dois modos bem divergentes de condição econômica e de criação que recebia da família materna e da família paterna, esta última, comprometida com os valores cristãos e economicamente estável, já a primeira, uma família que vive em circunstâncias de vulnerabilidade social. Durante um atendimento, ele se pôs a falar que, na ocasião de uma aula da qual participava no colégio adventista que frequentava, a professora o colocou para fora da sala por se sentir desrespeitada pelo comentário que ele havia feito. Curiosa, perguntei ao paciente acerca do comentário feito, e ele se pôs a narrar que a professora estava contando que Jesus sempre olha e cuida de todos que estão na Terra, ao passo que esse menino, afetado pelas revoltas das contradições que percebe nos adultos, e, ainda, das contradições que vive entre esses dois mundos familiares tão diferentes, responde: “a Terra é muito grande e cheia de gente para que Jesus consiga cuidar de todo mundo”. Descrente naquele momento e, num rompante de indignação diante do que ele já percebe da verdade do mundo, a criança, como muitas vezes faz, reagiu ao adulto furando a sua fantasia. Na ocasião, ao ser interrogada pela criança, a professora se viu em apuros com o escancaramento da verdade-faltante e, ao não suportar isso, reagiu solicitando que o pequeno delator saísse da sala de aula.

### **Fraternidade: Uma Outra versão do Amor Narcísico**

Bachler (2020) tece considerações importantes sobre as ambiguidades da fraternidade. Na tentativa de discorrer sobre a pergunta: “viver juntos, por que razão?”, o autor refere que a lógica da constituição de conjuntos repousa sobre a regra do reconhecimento de uma similitude, com frequência, física ou psíquica, sendo esse ponto comum o que nos permite estar junto do outro. O autor retoma Sartre para demonstrar que essa lógica inicial é precária, na medida em que o filósofo existencialista retrata que o que nos permite fazer grupo é o que nos acontece de comum, seja em torno de uma história, ideia, causa ou de um sermão. Seguindo essa lógica, a fraternidade não é de todo mal, pois permite que os humanos possam livremente escolher se unirem, posto que, a partir da filosofia, o humano tem a liberdade de escolher ficar só. A liberdade, portanto, é o comum da humanidade para Sartre (Bachler, 2020).

Contudo, para além da discussão que a noção de liberdade faz render, o que demandaria um outro texto, enfatizamos neste trabalho os impasses dessa união através do amor fraterno, afeto que fundamenta os vínculos no seio de uma instituição religiosa. Bachler (2020) afirma que essa concepção de viver juntos resulta em graves consequências, dentre elas, a de que:

Uma vez instituída livremente [a fraternidade], criam-se também restrições para os membros do grupo, obrigações recíprocas. Essas restrições, necessárias para a vida do grupo, criam um direito de todos sobre cada um, que pode mesmo revelar-se na forma de violência. O grupo arrisca a cada instante de exercer esta violência contra o indivíduo (Bachler, 2020, p. 51).

Assim, como Freud referiu acerca do apagamento do sujeito imerso na massa e no amor narcísico, nos parece que a fraternidade também se apresenta como uma forma de incorrer na violência que é a instauração do Um, do ideal, sobre a singularidade dos demais, os sujeitos reais. O amor fraterno produz vínculos fortes, por vezes muito importantes em termos de luta coletiva no campo social, mas também, por outro lado, arrisca a todo instante aglutinar o indivíduo, a fim de evitar o risco de que alguma diferença ou voz dissonante desestabilize a união do grupo. Nesse sentido, consideramos que o amor fraterno faz as vezes do amor narcísico.

No romance *Southernmost: Rumo ao Sul*, do escritor americano Silas House, o autor narra sobre a história de um pastor que coordenava a igreja de uma pequena cidade conservadora e tradicional do Tennessee, nos Estados Unidos. O romance inicia em meio a uma catástrofe natural que a cidade sofre, quando chuvas intensas começam a alagar a região, deixando famílias desabrigadas. Em meio ao caos, acontece o desaparecimento do filho de nove anos que saiu sem avisar à procura do cachorro da família, mas que retornou, após um breve e desesperador tempo, acompanhado de um casal homossexual que o encontrou e que acabara de perder a casa para a enchente. O pastor, que se chama Asher, angustiado por ter temido a perda do filho, num gesto de agradecimento e compaixão, decide abrigar o casal em sua própria casa, escolha que não se efetivou por conta da esposa de Asher e mãe da criança, que expressou: “Eles não podem ficar aqui. (...) O que a congregação vai dizer? Não é certo. (...) Eu sei o que eles são. (...) Eles são... você sabe o que eles são, Asher. Não podemos deixar que se aproximem de Justin [filho do casal]” (House, 2019, p. 29).

Desconcertado com a rigidez e o preconceito da esposa, Asher começa a viver momentos de angústia e de muitos questionamentos acerca das escolhas que fez na vida a partir dos princípios daquela comunidade, entre elas, a ruptura da relação com o próprio irmão. Ele lembra que, na juventude deles, quando o irmão assumiu a homossexualidade, a família não suportou, e o irmão – que esperava pelo acolhimento e abertura da parte de Asher – percebeu-se sozinho ao notar que o pastor não se diferenciou do discurso parental. No instante seguinte à lembrança, a culpa o toma e a preocupação com a criação do filho começa a crescer, pois até então não enxergava que o amor que tentava pregar na igreja era diferente do amor que os crentes praticavam, este último, um amor que ergue muros, isola e violenta.

Asher se divorcia de Lydia por não conseguir mais compartilhar da mesma experiência de vida da esposa. Ele também é excomungado da igreja, e a história do livro se desenrola através da tentativa desesperada desse homem de fazer as pazes com seu irmão e de proteger o filho de uma criação que compreende o outro-diferente como uma falha da espécie humana. Ao se distanciar daquela comunidade para ir à procura do irmão em outro Estado, o narrador do romance tece comentários acerca da figura materna dos irmãos:

Depois que Luke [o irmão] foi embora, ele [Asher] sofreu uma espécie de lavagem cerebral. Ela [a mãe] o convenceu de que Luke não se importava com eles, que ao apontar aquela arma para ele [Luke], havia tentado salvar sua alma do inferno. Amor rigoroso, ela dizia. O tipo de amor que Deus havia demonstrado pelo mundo ao causar o Dilúvio, quando apenas Noé atendeu seu chamado. O tipo de amor que Deus havia mostrado a Abraão quando o convenceu a matar seu próprio filho, Isaac, antes de impedir que isso ocorresse no último minuto. O tipo de amor que Jó havia sofrido. (...) *Oremos juntos, Asher; oremos pela alma de Luke para que ele veja os erros do seu modo de ser* [ênfase adicionada] (House, 2019, p. 122).

O reencontro com o irmão, em convívio há mais de dez anos, marca um dos momentos mais duros do romance, especialmente quando Luke se põe a falar o que ficou silenciado por tanto tempo:

Eu não fugi para te castigar. Fugi porque vocês todos (...) fizeram com que eu me sentisse envergonhado. Você sabe o que é andar neste mundo com todas as pessoas pensando saber que sabem tudo a seu respeito? (...) No Tennessee as pessoas não me *aceitavam* [ênfase adicionada]. Elas me toleravam. Até mesmo você. E eu não queria viver daquele jeito, como a aberração da cidade (House, 2019, p. 265).

O romance todo apresenta passagens que demonstram a desertificação simbólica e o estreitamento de sentido do discurso religioso, bem como da supressão da pluralidade de existência que ocorre quando a experiência religiosa, no seio da família ou da comunidade, torna-se fiadora do ataque ao outro. As atitudes que Asher bancaram, em meio a um estado de extrema angústia, graves consequências para ele; ao mesmo tempo que lhe possibilitaram uma outra experiência de vida, marcada pela presença de novos lugares, pessoas e saberes que o desconstruíram para que ele pudesse se reconstruir a seu modo. Ao final do livro, Asher não encontrou um final feliz, mas se encontrou numa condição de vida mais leve, livre do preconceito e da culpa.

No intuito de nos encaminharmos para o final deste texto e considerando o exposto até aqui, nos ocuparemos a partir de agora acerca das questões: como pensar o amor, desde uma outra lógica de funcionamento que não seja a do amor narcísico? Uma lógica que, apesar de não garantir, pode contribuir para o engajamento subjetivo de cada sujeito na produção de uma relação ética com o outro-diferente.

### Uma Outra Lógica para o Amor e a Ética na Relação entre Sujeitos

Freud, no incansável trabalho de fundar um lugar para a psicanálise no mundo, diferenciando-a de outras áreas do conhecimento, como a psicologia de Wundt, demarcou a singularidade da psicanálise desde uma tomada de posição crucial. Essa posição diz respeito à diferença da psicanálise diante das práticas psicoterapêuticas calcadas na ciência positivista, em ascensão na época, diferença demarcada pela resposta ética e não técnica acerca da prática psicanalítica (Darriba et al., 2009). De acordo com os autores, ao responder desde uma posição ética, Freud rompe com uma lógica científica pautada no aprimoramento do método, viés científico que trabalha no sentido de que o objeto ceda, em nome de uma clínica que sustente o “ceder ao objeto” (Darriba et al., 2009, p. 172).

Essa particularidade é reconhecida em Lacan (1991), quando ele determina que a prática da psicanálise é a sua ética, posto que a psicanálise não se reduz a um conjunto de técnicas e procedimentos a serem aplicados para fins de controle, e sim, na reflexão e expansão da condição desejante/faltante de cada sujeito, motor de vida: “é neste caminho que o autor defende que a finalidade da ação ética para Freud não é o bem, mas o Real, introduzindo aqui a noção de *das Ding*” (Amaral & Costa, 2020, p. 115).

Sem nos aprofundarmos na noção do termo *das Ding*, cabe aqui ressaltar que ele está relacionado “à Coisa”, isto é, ao fictício objeto capaz de obturar a falta estrutural, causa do desamparo, tal qual mencionamos anteriormente acerca da coisa religiosa. Assim, ceder ao objeto, em outras palavras, é abrir mão da fantasia de que existe a Coisa, ou ainda, o Outro capaz de completar o Eu, renúncia imprescindível para lançar-se à experiência do desejo e do amor na “cena do Dois” (Badiou, 2013).

Para pensarmos essa cena, é necessário considerar que o amor “leva em conta o acaso e o encontro, e que seria, fundamentalmente, da ordem da disjunção e da diferença” (Pacheco, 2015, p. 31). Nessa lógica, o amor não é um acontecimento essencialmente seguro e, por isso, o amor tal qual o encontro “não é teorizável nem racionável (...), pertence ao que escapa, e deveria escapar a toda programação. Estamos lá e alguma coisa irrompe. A presença do outro não nos deixa tranquilos” (Cifali, 1999, p. 145). O amor na “cena do Dois” é, portanto, um amor que não se acovarda frente às intempéries do desejo, e não almeja a perversão do Dois em Um porque não deseja a completude. Nesse cenário, ascender à obliteração da falta é o mesmo que selar o voto de morte de um amor motor de vida para o Eu e o Outro.

A “cena do Dois” contempla o cenário de um amor que aceita a diferença, que deixa (a) desejar, põe em movimento a palavra e dá lugar aos corpos, às experiências e aos sonhos. Esta seria uma outra lógica para o amor, o que nos permite reconhecer que, para além do amor narcísico e do amor fraternal, há um *amour-manqué*, um amor que, felizmente, é falho naquilo que comumente esperamos dele. Para que esse amor, capaz de fomentar a ética do desejo na relação entre sujeitos, inscreva-se no laço social, Siqueira (2014) ressalta que é preciso:

Introduzir a falta no coração da questão do amor. Em outras palavras, precisa barrar o excesso de plenitude narcísica que impede o advento da condição desejante, em virtude da hipertrofia egóica, bem como minimizar a reciprocidade esperada entre sujeitos no amor (Siqueira, 2014, p. 8).

Assim, no campo do amor e no campo da psicanálise, nenhuma promessa de completude pode ser feita, independentemente de como essa promessa venha a se travestir, ao preço de que a fenda do desejo se estreite a ponto de que o sujeito incorra numa vida fadada à homogeneização. A resultante disso é o empobrecimento da singularidade e do laço social, através de uma desertificação das possibilidades de existência dos sujeitos no mundo.

Apostamos que essa lógica do amor falho, *amour-manqué*, sustentada nos registros do Simbólico e do Real, aparece como uma nova forma de discurso, a contrapelo do discurso religioso, como abertura para a criação-invenção do laço social: “o amor, nesse texto, é o signo, apontado como tal, de que se troca de razão (...) Mudamos de razão, quer dizer – mudamos de discurso” (Lacan, 1985, p. 23). Para tanto, é preciso nos livrarmos dos impasses narcísicos que sentenciam o amor à relação especular e à reciprocidade incondicional, só assim, uma outra lógica para o amor pode surgir na contramão do mandamento “amarás teu próximo como a ti mesmo”, caminho que permite o engajamento de cada um na incansável tarefa de sustentar um laço social mais plural e ético.

Ante o exposto, não é exagero afirmar que a psicanálise promove e salvaguarda a racionalidade de uma ética que permite o reconhecimento da alteridade, premissa que fundamenta toda relação referenciada à noção do desejo, esta que nos condena a sermos afetados por tudo que a nossa condição faltante significa e dela decorre. É nessa lógica que, ante o forte egoísmo que erguemos como proteção contra os impossíveis do mal-estar que nos estrutura, devemos começar a amar: “afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode

amar” (Freud, 1914/2010b, p. 29). Só assim o amor pode funcionar como uma ética para o laço social e para a singularidade do sujeito, na medida em que opera como um saber-fazer, com o desamparo fundamental e os conflitos da diferença que radicalmente demarcam a nossa humanidade.

### Considerações Finais

Neste trabalho não tivemos como pretensão deslegitimar o amor e a religião, mas sim pensar, por meio da psicanálise, sobre esses dois fenômenos do mundo humano a partir de uma análise crítica de suas incidências no laço social de nossa época. Compreendemos que a questão da religião e a complexidade dessa na experiência humana precisam continuar sendo objeto de estudo e reflexão. Tentamos demonstrar que o amor, reconhecido socialmente como uma espécie de sentimento salvador, apresenta limites quanto à expectativa que depositamos nele, podendo aparecer no campo social sob diferentes formas, das quais cada uma resulta em consequências para o sujeito e para o laço social.

Através de vinhetas clínicas, cinematográficas e literárias, procuramos refletir acerca dos problemas que o discurso religioso comporta, especialmente quando incorre em violência desmedida contra o outro, a diferença, a pluralidade do ser e das culturas. Freud em, *Por Que a Guerra?*, carta que escreveu para Einstein em 1932, nos adverte que é impossível acabarmos com a guerra; contudo, ressalta que tudo aquilo que trabalha a favor da cultura evita a guerra (Freud, 1932/2010d). Trabalhar a favor do cultivo da pluralidade na experiência humana, no tema que estrutura esse trabalho, é evitar que a religião atraque no mundo “como se fosse uma âncora jogada, num manancial de sentido, de sentido da existência, da vivência com a alteridade, da relação de dependência e ambiguidade que se tem em relação a outrem” (Binkowski et al., 2018, p. 117). Insistir nisso é resistir à instituição da religião como um elemento bélico.

Por fim, quanto à religião, que cada sujeito possa ter a liberdade de recorrer às crenças que lhe convenham enquanto um recurso de apaziguamento particular da angústia, ante o desamparo fundamental do humano. Que as premissas religiosas jamais se tornem a lei do mundo humano, pois como a psicanálise bem nos adverte, na medida em que a religião é a Lei, não existirá lei a qual a religião estará submetida.

Quanto ao amor, que ele possa existir na sua versão mais falha – aquela compreendida pela face do Simbólico e do Real –, instâncias que contribuem para o engajamento subjetivo de cada sujeito na interminável tarefa de salvaguardar um laço social plural e não totalitário, posto que esse amor mantém a fenda do desejo aberta.

Portanto, é no reconhecimento de que ninguém escapa de uma condição de incompletude que nos é possível ascender a uma condição desejante, esta que nos permite ir na direção do outro a fim de construir vínculos de ligação desde uma relação ética entre sujeitos. Nesse sentido, a experiência do *amour-manqué* implica em não perder de vista que, quanto à reivindicação para si de um amor que faz desejar, deve-se acrescentar a vontade de que exista amor e desejo para o outro também.

### Referências

- Ab’Sáber, T., Rewald, R., & Aranda, G. (Diretores). (2017). *Intervenção – Amor não Quer Dizer Grande Coisa* [Documentário]. Cérebro Eletrônico; Confeitaria Cinema.
- Amaral, R. E. C., & Costa, C. A. R. (2020). Questionamentos em torno do desejo e da dimensão ética do amor. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 10(1), 111-122. <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2980>
- Arendt, H. (2014). *Entre o passado e o futuro*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1954).
- Bachler, L. (2020). Vivre ensemble, pour quoi faire? *Revue Spirale*, 3(95), 45-56. <https://www.cairn.info/revue-spirale-2020-3-page-45.htm>
- Badiou, A. (2013). *Elogio ao amor*. Martins Fontes.
- Binkowski, G. (2021). A psicanálise e sua estranheza frente à religião: Rastros e implicações de um objeto êxtimo entre clínica, cultura, política e sociedade. *Boletim Formação em Psicanálise*, 29(1), 39-55. <https://doi.org/10.56073/bolformempsych.v29i1.27>
- Binkowski, G., Ferreira, P., & Rosa, M. D. (2018). Ferramentas psicanalíticas para uma abordagem da interação entre religião, política e democracia: Breve panorama sobre uma questão contemporânea. In A. C. Veiga (Org.), *Religião e política: Encontros, desencontros, possibilidades* (pp. 105-126). O Som da Palavra.

- Binkowski, G. I., Rosa, M. D., & Baubet, T. (2020). A discursividade evangélica e alguns de seus efeitos: Laço social, psicopatologia e impasses teóricos e transferenciais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 245-268. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p245.6>
- Capomaccio, S. (2023, 06 de setembro). Um em cada três adultos no Brasil se identifica como evangélico. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/radio-usp/um-em-cada-tres-adultos-no-brasil-se-identifica-como-evangelico/#:~:text=Os%20evang%C3%A9licos%20foram%20o%20segmento,popula%C3%A7%C3%A3o%2C%20agora%20s%C3%A3o%2022%25>
- Carta Capital (2024, 03 de outubro). Você sabia que o Brasil pode se tornar de maioria evangélica até 2032?. *CartaCapital*. <https://www.cartacapital.com.br/cursos/voce-sabia-que-o-brasil-pode-se-tornar-de-maioria-evangelica-ate-2032/>
- Checchia, M. A. (2020). *Origens psíquicas da autoridade e do autoritarismo*. Dialética.
- Cifali, M. (1999). Educar, uma profissão impossível - Dilemas atuais. *Estilos da Clínica*, 4(7), 139-150. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v4i7p139-150>
- Couto, L. F. S., Casséte, J. L. Q., Hartmann, F., & Souza, M. F. G. (2018). Os discursos lacanianos como laços sociais. *Revista Subjetividades*, 18, 93-104. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6562>
- Darriba, V. A., Bencke, A. M. C., Cardim, E. B., Carvalho, P. B. M., Lima, D. A. P., Pestana, G. M., & Oliveira, D. H. (2009). Algumas evidências da função ética da psicanálise em “A Psicoterapia da Histeria”. *Estudos de Psicanálise*, (32), 171-180. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372009000100020&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100020&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Freud, S. (2010a). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos* (Vol. 10, pp. 108-121). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010b). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (Vol. 12, pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010c). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010d). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (Vol. 18, pp. 417-435). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Vol. 11, pp. 13-244). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (Vol. 17, pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Gaier, R. V. (2024, 29 de junho). Número de evangélicos cresce 61% no Brasil, diz IBGE. *Terra*. <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge,c0addc840f0da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>
- Gonçalves, A. (2019, 17 de julho). “Divino amor”: Filme futurista é uma crítica à hipocrisia do Brasil evangélico de Bolsonaro. *Intercept Brasil*. <https://theintercept.com/2019/07/17/divino-amor-critica-evangelico-bolsonaro/>.
- Hirt, J.-M. (2007). La psychanalyse entre athéisme freudien et ouverture à l’écoute de “l’évènement intérieur” du sujet. *Conferência no Cycle Psychanalyse et Spiritualités - Lyon, Quatrième Groupe* (Organisation Psychanalyse de Langue Française). [https://www.quatrieme-groupe.org/pdf/pdf\\_01075LEPSY.pdf](https://www.quatrieme-groupe.org/pdf/pdf_01075LEPSY.pdf)

- House, S. (2018). *Southernmost: Rumor ao Sul*. Faro Editorial.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>
- Jorge, M. A. C. (2019). Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo. *Reverso*, 41(77), 75-81. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952019000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100009&lng=pt&nrm=iso)
- La Boétie, E. (2016). *Discurso da servidão voluntária*. Editora Nós. (Trabalho original publicado em 1576).
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972/1973)*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1991). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959/1960)*. Jorge Zahar.
- Levine, E. (2019, 06 de março). La vulnérabilité des “Sans-Visage”. *Philosophie Magazine*. <https://www.philomag.com/les-idees/la-vulnerabilite-des-sans-visage-37761>
- Mascaro, G. (Diretor) (2019). *Divino Amor* [Filme]. Desvia Filmes; Snowglobe.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. N-1 Edições.
- Mbembe, A. (2021). *Políticas da inimizade*. N-1 Edições.
- Pacheco, A. L. P. (2015). Para sempre é por um triz. *Stylus Revista de Psicanálise*, (30), 31-41. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n30/n30a04.pdf>
- Rabinovich, D. (2001). *O psicanalista entre o mestre e o pedagogo*. <https://doceru.com/doc/nnnsxe00>
- Siqueira, E. (2014). A metáfora do amor. *Opção Lacaniana*, 5(15), 1-12. [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_15/A\\_meta\\_fora\\_do\\_amor.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf)

### Como citar:

Buechler, F. T., & Binkowski, G. I. (2025). Do Amor Fraternal ao Amor Falho: Outra Ética para o Laço Social. *Revista Subjetividades*, 25(1), e13981. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e13981>

---

### Endereço para correspondência:

Flávia Tridapalli Buechler  
E-mail: [flaviatbuechler@gmail.com](mailto:flaviatbuechler@gmail.com)

Gabriel Inticher Binkowski  
E-mail: [gabriel.binkowski@gmail.com](mailto:gabriel.binkowski@gmail.com)



Recebido em: 26/07/2022.

Aceito em: 13/04/2025.